

## SEÇÃO ARTIGOS

### A PEDAGOGIA DAS MULHERES ZAPATISTAS COMO EXPRESSÃO DE SUA EPISTEMOLOGIA:

Práticas de insurgência, subversão e resistência

### THE ZAPATIST WOMEN'S PEDAGOGY AS AN EXPRESSION OF THEIR EPISTEMOLOGY:

insurgency, subversion and resistance practices

Joselaine Raquel da Silva Pereira<sup>1</sup>

Universidade Federal da Integração Latino-americana

jopereira.sm@gmail.com

#### Resumo

Os movimentos sociais — e especialmente o Ejército Zapatista de Liberación Nacional (EZLN) — podem ser fontes riquíssimas de diálogo e exemplos de ações de resistência contra diversas opressões causadas pelo sistema capitalista (e outros). A partir das lentes da antropologia, realizo uma abordagem dos processos de invisibilização e representação e evidencio a necessidade latente de transformação das estruturas de opressão, para isso trago o exemplo da pedagogia zapatista, baseada na experiência como significação do aprendizado. A pedagogia zapatista, como uma extensão de sua própria epistemologia, interage com as ideias de Paulo Freire, com a Educação Popular Feminista e com a Pedagogia Libertária, e assim constitui um caminho insurgente e subversivo de resistência antisistêmica.

#### Palavras-chave:

Exército Zapatista de Libertação Nacional; Epistemologia de *nosotras*; Resistências feministas; Educação Popular Feminista; Pedagogia Libertária.

#### Abstract

Social movements — and especially the Ejército Zapatista de Liberación Nacional (EZLN) — can be rich sources of dialogue and examples of resistance actions against various oppressions caused by the capitalist system (and others). From the lens of anthropology, I approach the processes of invisibility and representation, and highlight the latent need to transform the structures of oppression, for which I bring the example of the zapatista pedagogy, based on experience as a meaning of learning. The zapatista pedagogy, as an extension of its own epistemology, interacts with the ideas of Paulo Freire, Popular Feminist

---

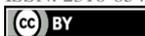
<sup>1</sup> Mestranda pela Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-americanos (PPGIELA) na Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA) e bacharel em Antropologia e Diversidade Cultural Latino-americana pela mesma universidade. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4672-1658>.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

PEREIRA, Joselaine Raquel da Silva. A pedagogia das mulheres zapatistas como expressão de sua epistemologia: práticas de insurgência, subversão e resistência. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, n° 15, pp. 31-46, setembro-dezembro de 2021.

Submissão em: 23/07/2021. Aceite em: 15/12/2021.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Education, and Libertarian Pedagogy, and thus constitutes an insurgent and subversive path of anti-systemic resistance.

**Keywords:**

Zapatista National Liberation Army; Epistemology of nosotras; Feminist resistances; Popular Feminist Education; Libertarian Pedagogy.

## Introdução: Antropologia, movimentos sociais e academia

Este artigo tece reflexões acerca dos processos de invisibilização e representação de diversas identidades subalternizadas e marginalizadas, evidenciando a necessidade de transformação político-social. Através de uma breve revisão bibliográfica e da elucidação de um estudo de caso sobre a pedagogia própria das mulheres zapatistas como expressão de sua epistemologia, pretendemos contribuir para as lutas de emancipação, subversão e resistência individual e coletiva ao demonstrar possibilidades e alternativas para a construção de “*un mundo donde quepan muchos mundos*”<sup>2</sup>, como dizem as zapatistas.

Diversos intelectuais acadêmicos cartesianos têm afirmado há séculos que a academia — e conseqüentemente a antropologia — deve manter-se afastada de temáticas políticas e sociais, a fim de manter uma certa neutralidade defendida por esse modelo de produção de conhecimento científico. Enquanto isso, outros autores(as) contemporâneos(as) propõem a aliança entre a ciência e a realidade social dos ambientes nos quais estão inseridas as universidades e outras instituições. Menciono especialmente a antropóloga e militante dominicana Ochy Curiel (2019), que argumenta a favor do diálogo entre a academia e os movimentos sociais, numa tentativa de renovar a ciência que sempre esteve baseada em cânones eurocêntricos brancos e masculinos, para reconstruí-la em coerência com as necessidades e urgências contemporâneas dos povos do nosso continente.

A autora também afirma que existe uma solidariedade entre os povos em torno de algumas lutas centrais como o anti-imperialismo, ao qual acrescento o anticapitalismo e o anti-patriarcalismo, trazendo o exemplo dos povos originários e camponeses que se

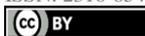
---

<sup>2</sup> Em português, “Um mundo onde muitos mundos se encaixam”.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

PEREIRA, Joselaine Raquel da Silva. A pedagogia das mulheres zapatistas como expressão de sua epistemologia: práticas de insurgência, subversão e resistência. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 15, pp. 31-46, setembro-dezembro de 2021. Submissão em: 23/07/2021. Aceite em: 15/12/2021.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

uniram na conformação do Movimento Zapatista no México, a partir de pautas contrárias ao capitalismo e ao neoliberalismo, e em defesa da vida. Esse também é o caso de inúmeros outros movimentos como o Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) no Brasil e a *Asociación Nacional de Mujeres Campesinas, Negras e Indígenas* (ANMUCIC) na Colômbia.

Outra frente de união de lutas se dá através do chamado Ecofeminismo, que traz a necessidade da articulação entre o feminismo e a ecologia ou, como afirma Yayo Herrero (2016), uma aliança entre a economia feminista e a economia ecológica, com o intuito de promover a sustentabilidade da vida em todas as suas formas.

As mulheres ancestralmente têm sido responsabilizadas socialmente pelo cuidado da terra, das sementes e da produção e preparo de alimentos, tarefas relacionadas com a reprodução e o cuidado humano, e que, na maioria das vezes, são desvalorizadas, principalmente quando não há retorno econômico.

## Literatura pós-autônoma: invisibilização e representação

A invisibilização do trabalho reprodutivo se dá em vários níveis sociais, a partir da hierarquização da chamada esfera pública sobre a esfera doméstica de relações sociais, na qual o trabalho feminino e as práticas cotidianas das mulheres não são (ou são pouco) representadas nas mídias, na literatura, na política, nos espaços de tomada de decisões, etc. A afroestadunidense Audre Lorde (2019) fala sobre a invisibilização e a despersonalização contidas no silêncio e na falta de espaços de escuta e acolhimento. Estabeleço aqui um diálogo com o pensamento da argentina Josefina Ludmer (2009), que destaca a importância da representação literária para maior representação política de certos sujeitos sociais, que passam a fazer parte do imaginário público, que é uma fábrica do presente ou da realidade.

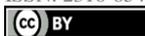
Josefina (2009) propõe então a Literatura pós-autônoma, uma espécie de escrita fronteiriça que se mescla entre diversos gêneros e que representa atores sociais antes invisibilizados. Esse é o tipo de escrita que busco trazer através da prática antropológica,

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

PEREIRA, Joselaine Raquel da Silva. A pedagogia das mulheres zapatistas como expressão de sua epistemologia: práticas de insurgência, subversão e resistência. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 15, pp. 31-46, setembro-dezembro de 2021.

Submissão em: 23/07/2021. Aceite em: 15/12/2021.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

representando as cosmovisões e cosmopráticas de mulheres indígenas e camponesas em diálogo com minhas próprias posições sociopolíticas e com diversas teóricas, principalmente ecofeministas e anarquistas. Audre Lorde (2019) também reafirma a importância da transformação do silenciamento em linguagem e em ação, isso também é o que procuro através da documentação escrita e representação das vozes e das práticas das sujeitas já mencionadas que, apesar de já estarem rompendo esse silêncio e ocupando cada vez mais espaços de fala, onde compartilham suas experiências práticas e suas cosmovisões, ainda são pouco escutadas.

## Manutenção das estruturas de opressão

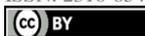
Bell Hooks (2019) afirma que além de ser necessária a representação de diferentes modelos de gênero não hegemônicos, também precisa-se romper com as estruturas de manutenção do *status quo* da masculinidade e, para isso, não basta que as mulheres estejam ocupando os espaços de “poder” e de tomada de decisões nos diversos âmbitos sociais se elas continuarem reproduzindo as mesmas estruturas de poder e de opressão, transformando-se assim nas opressoras. A autora argumenta pela desconstrução dessas estruturas e a construção de novas estratégias organizacionais não hierárquicas que privilegiem a organização comunitária e o diálogo.

O pensamento de Ochy Curiel (2019) segue a mesma linha de raciocínio ao afirmar que, na maioria das vezes, o próprio mercado capitalista se apropria das diversidades culturais, raciais/étnicas, sexo-afetivas, entre outras, para sua incorporação afastada dos contextos históricos e sociais que dão sentido a essas identidades intrínsecas a determinadas reivindicações e lutas políticas, favorecendo apenas o lucro das grandes empresas e corporações e a manutenção das estruturas de poder, mas descontextualizando a posição desses sujeitos e sujeitas que são marginalizados(as) pelo próprio capitalismo, desconsiderando também que grande parte desses grupos sociais são anticapitalistas (especialmente os indígenas e camponeses/as).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

PEREIRA, Joselaine Raquel da Silva. A pedagogia das mulheres zapatistas como expressão de sua epistemologia: práticas de insurgência, subversão e resistência. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 15, pp. 31-46, setembro-dezembro de 2021. Submissão em: 23/07/2021. Aceite em: 15/12/2021.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## Experiência como significação

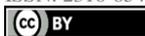
Audre Lorde (2019) destaca também a importância do ensino a partir da vivência e da experiência, o que se relaciona diretamente com o conceito de pedagogia popular feminista utilizado por diversas educadoras e educadores em *Abya Yala*. A epistemologia feminista negra desenvolvida por Patrícia Hill Collins (2019) também dialoga com essa ideia através de seus 4 pontos: experiência como significação, uso do diálogo, ética da responsabilidade pessoal e ética do cuidado, aos quais a pensadora brasileira Camila Daniel (2019) acrescenta um 5º ponto: a ética do autocuidado.

Proponho então que essa epistemologia, apesar de ter sido desenvolvida por uma mulher negra estadunidense, também serve muito bem para expressar o modo como as mulheres zapatistas pensam e atuam. Dessa maneira, essa epistemologia representa as cosmovisões de mulheres que ocupam diversas posições contra hegemônicas dentro dos modelos de gênero, o que provoca ações e práticas de resistência tanto contra a homogeneização do que é ser mulher, quanto a outros valores impostos pela colonialidade e o capitalismo neoliberal, como os de individualismo, insegurança, desconfiança, entre outros.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

PEREIRA, Joselaine Raquel da Silva. A pedagogia das mulheres zapatistas como expressão de sua epistemologia: práticas de insurgência, subversão e resistência. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 15, pp. 31-46, setembro-dezembro de 2021. Submissão em: 23/07/2021. Aceite em: 15/12/2021.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## A pedagogia que nasce da experiência

Figura 1: A escolinha zapatista<sup>34</sup>



Fonte: Corrientes Pedagógicas Contemporâneas, 2015<sup>5</sup>.

Além das contribuições dessas autoras sobre o valor da vivência e da experiência na construção do pensamento crítico e revolucionário, os povos originários de Abya Yala também valorizam a autonomia comunitária na reformulação das epistemologias ancestrais em contato com as necessidades emergentes de cada povo e território. Um exemplo claro de autonomia e rebeldia perante às imposições da sociedade hegemônica

<sup>3</sup> Tradução de “La escuela zapatista”.

<sup>4</sup> Esta imagem traz diversos elementos que demonstram ideais da cosmovisão zapatista, como suas próprias formas de arte e estética, além de representar equitativamente os gêneros, também estão presentes espécies animais e vegetais e aspectos do modo de vida ancestral originário.

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://corrientesunmsmcateobhum.blogspot.com/2015/12/una-introduccion-laeducacion-zapatista.html>>. Acesso em: 21 jul.2021.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

PEREIRA, Joselaine Raquel da Silva. A pedagogia das mulheres zapatistas como expressão de sua epistemologia: práticas de insurgência, subversão e resistência. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 15, pp. 31-46, setembro-dezembro de 2021. Submissão em: 23/07/2021. Aceite em: 15/12/2021.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

é a atuação do *Ejército Zapatista de Liberación Nacional* (EZLN) e, principalmente, das mulheres zapatistas.

O EZLN teve seu início em 1º de janeiro de 1994 no estado mexicano de Chiapas, como forma de protesto contra o acordo econômico NAFTA<sup>6</sup>, entre México, Canadá e Estados Unidos, e que prejudicava ainda mais a condição de vida dos povos tradicionais. O exército popular guerrilheiro teve atuação militar até o ano de 2006, mas segue vigente atualmente em formato de movimento político com soberania territorial — é importante destacar que o movimento leva esse nome em homenagem a Emiliano Zapata e seu *Ejército Libertador del Sur*.

Baseando-me na epistemologia de *nosotras*, busco projetar um foco maior às contribuições das mulheres dentro do movimento zapatista, tanto para os diversos movimentos feministas quanto para a antropologia e a pedagogia popular. Essa epistemologia foi desenvolvida por Graziela Rinaldi da Rosa e Cheron Zanini Moretti (2018) e se refere à necessidade de valorização da produção de conhecimento e do trabalho intelectual feito por e para mulheres em nosso continente, utilizando a palavra em língua espanhola “*nosotras*” para demarcar a importância do substantivo feminino da palavra “*nós*”, formato inexistente no português.

As zapatistas carregam uma herança sociocultural e política de povos camponeses e indígenas maias, e a partir dessas identidades desenvolveram formas de epistemologia e pedagogia que — assim como Audre Lorde (2019) — privilegiam a palavra em detrimento do silêncio a que foram confinadas por vários séculos, e se orientam através do sentir-pensar e do sentir-saber, considerando os sentimentos, as emoções e a espiritualidade como partes essenciais de sua filosofia que passa pela mente e pelo coração.

Os sete princípios zapatistas são:

1. Baixar e não subir;
2. Convencer e não vencer;

---

<sup>6</sup> Em inglês, *North American Free Trade Agreement* ou, em espanhol, *El Tratado de Libre Comercio de América del Norte* (TLCAN).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:  
PEREIRA, Joselaine Raquel da Silva. A pedagogia das mulheres zapatistas como expressão de sua epistemologia: práticas de insurgência, subversão e resistência. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 15, pp. 31-46, setembro-dezembro de 2021. Submissão em: 23/07/2021. Aceite em: 15/12/2021.  
ISSN: 2316-8544



3. Construir e não destruir;
4. Representar e não suplantar;
5. Propor e não impor;
6. Obedecer e não mandar;
7. Servir e não se servir.

Desde esses ideais que priorizam uma boa vida comunitária, destaca-se um fragmento dessa dimensão pedagógica que transpassa gerações e caracóis<sup>7</sup>: o bordado. As mulheres zapatistas veem o bordado como uma forma de resistência ao dedicar tempo e cuidado coletivo à arte e a produção artesanal em tempos que impõem cada vez mais velocidade e individualidade, além de retratar a luta histórica e política do movimento nos próprios bordados.

Um dos princípios dessa pedagogia zapatista é a autonomia comunitária, que se dá através da soberania territorial e alimentar, da formação popular em agroecologia, etnomatemática e cosmovisão maia (BARBOSA, 2014; BARBOSA, 2015 apud BARBOSA, 2018). Além disso, essa pedagogia está diretamente relacionada com a natureza, a vida no campo e as vivências e experiências de interação entre seres humanos e não humanos.

As mulheres indígenas e camponesas guardiãs das sementes, as curandeiras, as xamãs, entre outras, guardam consigo a memória biocultural das sabedorias tradicionais (Toledo & Barrera-Bassols, 2008), o que tem garantido a preservação de sementes nativas, a fertilidade dos solos vinculados aos quintais produtivos, entre outros saberes diretamente relacionados à agricultura tradicional camponesa (BARBOSA, 2018, p. 19).

A relação das mulheres com a terra, as sementes e as plantas medicinais (no caso das curandeiras, xamãs, etc.) demonstra também um aspecto pedagógico na medida em que o aprendizado e a memória dessas mulheres e de seus povos se sustentam com base nos saberes e práticas que se dão através da relação entre as mulheres, a terra e a natureza. Essa é também uma reafirmação da conexão entre os corpos das mulheres e seus

---

<sup>7</sup> Células de organização territorial zapatista.

territórios — que se transformam em corpos-territórios<sup>8</sup> — e de suas posições de resistência política na defesa dos territórios, dos corpos e da vida em geral.

## Educação popular feminista

As práticas pedagógicas utilizadas pelas mulheres em Abya Yala na maioria das vezes possuem um caráter popular — ou seja, trabalham com as massas populares nos bairros, nas periferias, em centros culturais, e, raras vezes, dentro de ambientes escolares —, e se apoia em metodologias do feminismo comunitário de cuidado, afeto, valorização da subjetividade e da criatividade, e, por conta disso, têm sido nomeadas como educação (ou pedagogia) popular feminista.

Segundo Cheron Zanini Moretti e Graziela Rinaldi da Rosa (2018), a pedagogia deve ser analisada a partir de um objetivo tríplice: despatriarcalizar, descolonizar e descautivar. Elas buscam um reconhecimento da historicidade de uma pedagogia própria das mulheres, que busca a emancipação e a liberdade através da subversão e que está em conflito com a educação escolar formal masculinizada e positivista, pois assume que o aprendizado se dá a partir das histórias de vida e dos saberes e fazeres das próprias educadoras em conjunto com as comunidades.

La “práctica de la libertad” no se limitaría así a un discurso contra las formas opresivas y represivas del Estado burgués y patriarcal, de sus instituciones de reproducción de la cultura capitalista, androcéntrica, colonizadora. Es sobre todo la posibilidad de un ejercicio de lucha material y también subjetiva contra la enajenación, contra la mercantilización de nuestras vidas, la privatización de nuestros deseos, la domesticación de nuestros cuerpos, la negación sistemática de nuestros sueños, la mutilación de nuestras rebeldías, la invisibilización de nuestras huellas, el silenciamiento de nuestra palabra, y la desembozada represión de nuestros actos subversivos (KOROL, 2007b, p. 17 apud MORETTI; ROSA, 2018, p. 12).<sup>9</sup>

<sup>8</sup> Conceito cunhado pelas feministas comunitárias da Guatemala, que se refere à relação intrínseca entre os corpos das mulheres e os territórios que elas habitam, sendo que as violências sofridas no território se refletem em seus corpos e vice-versa.

<sup>9</sup> Em português, “A ‘prática da liberdade’ não se limitaria assim a um discurso contra as formas opressivas e repressivas do Estado burguês e patriarcal, as suas instituições de reprodução da cultura capitalista, androcêntrica e colonizadora. É sobretudo, a possibilidade de um exercício de luta material e também subjetiva contra a alienação, contra a mercantilização de nossas vidas, a privatização de nossos desejos, a

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

PEREIRA, Joselaine Raquel da Silva. A pedagogia das mulheres zapatistas como expressão de sua epistemologia: práticas de insurgência, subversão e resistência. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 15, pp. 31-46, setembro-dezembro de 2021.

Submissão em: 23/07/2021. Aceite em: 15/12/2021.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Nesse sentido, a pedagogia popular feminista tem muito em comum com a pedagogia libertária proposta pelos(as) anarquistas, ao possuir como objetivo a emancipação popular e a autonomia coletiva. Da mesma forma, a pedagogia libertária se posiciona contrariamente à educação convencional, alegando que esta serve aos interesses do Estado e do mercado capitalista e que, para isso, utiliza diversas formas de violências e ameaças — rechaçadas pelos movimentos anarquistas.

## A pedagogia como expressão da epistemologia

A epistemologia zapatista configura-se a partir da busca da descolonização — ou decolonialidade — e da autonomia e emancipação dos povos em todos os âmbitos da vida comunitária, desde a organização política e territorial, a justiça, a estética, a arte, a filosofia e o pensamento crítico, até os vínculos sociais, a relação com a natureza, as dinâmicas coletivas cotidianas e a distribuição de tarefas domésticas. Além disso, a tomada de decisões que afetem o coletivo é feita em espaços assembleares e a partir do consenso, aproximando-se outra vez das práticas anarquistas de democracia direta.

El poder es nosótrico, la autoridad es ejercida a partir de y en consenso assembleario. La función de la autoridad es, entonces, la de escuchar detenidamente cada aspecto de la deliberación, de modo de recordar con posterioridad, los consensos alcanzados y así poder cumplir con su tarea (DARLING, 2020, p. 10)<sup>10</sup>.

A pedagogia zapatista se constrói, então, com base na própria epistemologia criada e utilizada pela comunidade e busca reiterar os mesmos princípios evidenciados em outras áreas da vida dos e das zapatistas. Desse modo, a chamada “escola zapatista” atua sempre em prol da formação de indivíduos autônomos capazes de reproduzir e

---

domesticação de nossos corpos, a negação sistemática de nossos sonhos, a mutilação de nossa rebeldia, a invisibilização de nossos traços, o silenciamento de nossas palavras e a repressão flagrante de nossos atos subversivos” (KOROL, 2007b, p. 17 apud MORETTI; ROSA, 2018, p. 12).

<sup>10</sup> Em português “O poder é *nosótrico*, a autoridade é exercida a partir de/e em consenso de assembleia. A função da autoridade é, portanto, ouvir atentamente todos os aspectos da deliberação, para lembrar mais tarde o consenso alcançado e assim poder cumprir sua tarefa” (DARLING, 2020, p. 10).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

PEREIRA, Joselaine Raquel da Silva. A pedagogia das mulheres zapatistas como expressão de sua epistemologia: práticas de insurgência, subversão e resistência. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 15, pp. 31-46, setembro-dezembro de 2021. Submissão em: 23/07/2021. Aceite em: 15/12/2021.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

aprimorar seu sistema de autogoverno anticapitalista, com foco em emancipar-se das quatro rodas do capital: exploração, despojo, repressão e desprezo através de uma aprendizagem criativa e libertadora.

Paulo Freire, em sua obra *Pedagogia da autonomia* (1996), afirma o dever de a educação institucional respeitar os saberes construídos socialmente na prática comunitária, e a necessidade do reconhecimento e da assunção da identidade cultural do educando e da educanda, além de reiterar a importância das experiências informais, nas ruas, nas praças e em qualquer outro ambiente onde ocorrem interações sociais.

O mesmo autor também destaca o lugar fundamental das emoções e da afetividade entre educador/a e educando/a para a cognoscibilidade, afirmando que a raiva, por exemplo, pode ser um combustível para protestar contra as injustiças sociais e se tornar uma motivação para a luta pela transformação social através de uma rebeldia legítima. A curiosidade epistemológica aparece então como provocadora de uma criticidade essencial para gerar esperança, vendo a História como tempo de possibilidade e não de determinação, sendo assim Paulo Freire (1996) propõe que, através da alegria e da humildade (diferente de submissão), deve ser feita a problematização do futuro, que só assim poderá ser transformando.

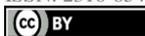
Sempre recusei os fatalismos. Prefiro a rebeldia que me confirma como gente e que jamais deixou de provar que o ser humano é maior do que os mecanicismos que o minimizam. A proclamada morte da História que significa, em última análise, a morte da utopia e do sonho, reforça, indiscutivelmente, os mecanismos de asfixia da liberdade. Daí que a briga pelo resgate do sentido da utopia é que a prática educativa humanizante não pode deixar de estar impregnada tenha de ser uma sua constante. Quanto mais me deixe seduzir pela aceitação da morte da História tanto mais admito que a impossibilidade do amanhã diferente implica a eternidade do hoje neo-liberal que aí está, e a permanência do hoje mata em mim a possibilidade de sonhar. Desproblematizando o tempo, a chamada morte da História decreta o imobilismo que nega o ser humano (FREIRE, 1996, p. 59).

A pedagogia zapatista possui alguns pontos afim com as ideias de Paulo Freire, principalmente ao propor que todo mundo pode ensinar e que a todo momento estamos aprendendo, e ao afirmar a importância da educação para transformar socialmente o

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

PEREIRA, Joselaine Raquel da Silva. A pedagogia das mulheres zapatistas como expressão de sua epistemologia: práticas de insurgência, subversão e resistência. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 15, pp. 31-46, setembro-dezembro de 2021. Submissão em: 23/07/2021. Aceite em: 15/12/2021.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

mundo. Assim como as outras formas de educação popular (para o povo), a pedagogia zapatista se baseia na experiência da luta coletiva cotidiana para a criação do currículo e da didática que serão utilizados em cada caracol, tendo como guia 3 princípios fundamentais:

La educación zapatista cumple con tres conceptos ausentes en la globalización de mercado: 1) es pública, porque se diseña desde los pueblos y es un derecho; 2) es libre, pues no depende del Estado ni de las transnacionales del dinero o de la cultura para diseñar su currículo, ni certifican al estudiantado para ser un expediente más en los archivos de la burocracia escolar; 3) es gratuita, nadie paga por asistir a la escuela, ni nadie cobra por enseñar, así la educación no es una mercancía (SILVA MONTES, 2019, p. 9)<sup>11</sup>.

Além disso, a escola zapatista se posiciona politicamente a favor de uma educação descolonizadora e, por isso, as aulas também incluem a sabedoria ancestral oral dos anciãos e das anciãs, a memória coletiva dos povos, além de temas como agroecologia, direito à terra, justiça e paz, ademais de manejar horários e espaços flexíveis, tudo através de relações horizontais e democráticas que buscam descartar os exames avaliativos, as notas e os certificados com o objetivo de que os indivíduos conheçam sua história, cultura e cosmovisão, ao contrário da educação escolar proposta pelos governos latino-americanos, que buscam simplesmente a capacitação para o trabalho assalariado e a adaptação de cidadãos obedientes.

O ofício de professor(a) é realizado pelos chamados promotores e promotoras de educação, que apesar de não possuírem diploma universitário formal, passam por um período de cerca de 6 meses de formação pelo grupo *Semillitas del Sol*, na Cidade do México, ou pelo *Centro de Formación compañero Manuel* — criado posteriormente no território zapatista (SILVA MONTES, 2019). A tarefa de ensinar é voluntária e assim como os e as estudantes não precisam pagar para estudar, os promotores e as promotoras

---

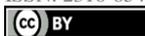
<sup>11</sup> Em português, “A educação zapatista obedece a três conceitos ausentes na globalização do mercado: 1) é pública, porque é concebida pelo povo e é um direito; 2) é gratuita, porque não depende de dinheiro estatal ou do dinheiro ou da cultura de empresas transnacionais para elaborar seu currículo, nem certifica os alunos para serem apenas mais um arquivo nos arquivos da burocracia escolar; 3) é gratuita, ninguém paga para frequentar a escola, nem ninguém cobra pelo ensino, portanto a educação não é uma mercadoria (SILVA MONTES, 2019, p. 9).”

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

PEREIRA, Joselaine Raquel da Silva. A pedagogia das mulheres zapatistas como expressão de sua epistemologia: práticas de insurgência, subversão e resistência. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 15, pp. 31-46, setembro-dezembro de 2021.

Submissão em: 23/07/2021. Aceite em: 15/12/2021.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

também não recebem nenhum dinheiro, simplesmente assumem esse compromisso pelo bem do coletivo.

Dessa maneira, a educação zapatista envolve toda a comunidade (crianças, adolescentes, famílias, vizinhos, etc.) na elaboração do currículo e dos materiais didáticos, que procuram sempre atingir o consenso. Desde suas cosmovisões ancestrais, os/as zapatistas reafirmam sua posição anticapitalista e anti-sistêmica ao incentivar uma educação para a coletivização do campo e a organização de cooperativas ao invés da convencional vinculação com o emprego a partir de ideologias individualistas e meritocráticas. Além disso, o pensamento pedagógico construído pelos zapatistas possui também um princípio de se renovar cada vez que seja necessário, e por isso não busca institucionalizar-se.

En síntesis, el zapatismo se propone educar para la liberación a partir de las vivencias de las comunidades. La estructura de las escuelas en niveles, no implican la división rigurosa por edad. Esto permite una convivencia en las aulas de estudiantes de diferentes edades y refuerza el principio de Freire de que nadie educa a nadie y nadie se educa solo. La educación zapatista pretende que los jóvenes y las jóvenes de las comunidades se identifiquen con su historia pasada y presente indígena, aceptar la diferencia entre las personas y preservar su lengua. Se trata de educar para formar en la autonomía una nueva forma de hacer política, la democracia directa y rechazar que la tierra es un artículo para venderse al mejor postor (SILVA MONTES, 2019, p. 9) <sup>12</sup>.

## Considerações finais: Resistência através da pedagogia

Por conta dessa grande divergência entre os ideais valorizados pela comunidade zapatista e os da escola convencional latino-americana (de acordo aos interesses do mercado), o sistema capitalista se torna uma ameaça em diversos sentidos ao projeto de

---

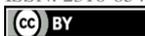
<sup>12</sup> Em português, “Em suma, o Zapatismo visa educar para a libertação com base nas experiências das comunidades. A estrutura das escolas em níveis não implica uma divisão rigorosa por idade. Isto permite que estudantes de diferentes idades coexistam nas salas de aula e reforça o princípio de Freire de que ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho. A educação zapatista tem como objetivo que os jovens das comunidades se identifiquem com sua história indígena passada e presente, aceitem a diferença entre as pessoas e preservem sua língua. Trata-se de educar para formar em autonomia uma nova forma de fazer política, direcionar a democracia e rejeitar aquela terra é um artigo a ser vendido ao maior licitante” (SILVA MONTES, 2019, p. 9).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

PEREIRA, Joselaine Raquel da Silva. A pedagogia das mulheres zapatistas como expressão de sua epistemologia: práticas de insurgência, subversão e resistência. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 15, pp. 31-46, setembro-dezembro de 2021.

Submissão em: 23/07/2021. Aceite em: 15/12/2021.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

vida zapatista. Algumas das principais consequências negativas desse sistema são o adoecimento das pessoas e do ecossistema por conta da poluição das águas, do ar e do solo, além da exploração laboral e do despojo dos povos tradicionais de seus territórios ancestrais. Através da ideologia do individualismo e da competitividade, o capital também procura manter a população alienada e solitária, rompendo os laços comunitários que a educação zapatista tenta reconstruir e manter.

Uma das principais ameaças para a manutenção das epistemologias e pedagogias ancestrais se deve à luta pela soberania territorial, o que também é uma das razões pelas quais o projeto de vida zapatista tem se sustentado:

Para dar cuenta de la relación entre la transformación de las condiciones materiales y relaciones sociales, Marcos señala que en las comunidades zapatistas, los avances que se han dado a partir de la construcción de autonomías en materia de gobierno, salud, educación, vivienda, alimentación, participación de las mujeres, comercialización, cultura, comunicación e información, sólo pudieron darse a partir de la recuperación de los medios de producción, en particular, la tierra, los animales y las máquinas que estaban en manos de los grandes propietarios hacendatarios de Chiapas (DARLING, 2020, p. 16)<sup>13</sup>.

Os/as zapatistas também se opõem ao capitalismo ao acolher em seu território gratuitamente pessoas que desejam aprender a língua espanhola ou o tzotzil para oferecer esse aprendizado a partir da imersão social no *Centro de Español y Lenguas Mayas Rebelde Autónomo Zapatista* (CELMRAZ), e ao promover eventos nos quais esses saberes ancestrais são colocados em debate e onde são vistos como modelo de resistência anticapitalista para outros povos e territórios.

Retomo a importância da transformação do silenciamento em linguagem e ação (LORDE, 2019) e da representação literária como uma forma de resistência político-social (LUDMER, 2009) através da criação de um novo mundo, ou como os/as zapatistas

---

<sup>13</sup> Em português “Para explicar a relação entre a transformação das condições materiais e as relações sociais, Marcos aponta que nas comunidades zapatistas, os avanços que ocorreram através da construção de autonomias em termos de governo, saúde, educação, moradia, alimentação, participação das mulheres, comercialização, cultura, comunicação e informação, só puderam se concretizar através da recuperação dos meios de produção, particularmente da terra, dos animais e das máquinas que estavam nas mãos dos grandes proprietários de Chiapas” (DARLING, 2020, p. 16).

dizem: “*un mundo donde quepan muchos mundos*”<sup>14</sup>. Reafirmo ainda o papel fundamental cumprido pelas mulheres zapatistas a partir da manutenção e da transmissão de saberes e práticas educativas e curativas ancestrais, principalmente as que se relacionam com a terra e as plantas.

Portanto, podemos observar que a pedagogia zapatista se torna uma forma de propagar a insurgência e a subversão que constituem a resistência anti-sistêmica zapatista. A pedagogia utilizada por elas e eles se desdobra como um ramo da epistemologia que está por trás de suas ações e suas cosmovisões, refletindo os mesmos ideais de autonomia, coletividade e ancestralidade ao aprender e ensinar, desconstruir e construir suas práticas educativas descolonizadoras, libertárias e feministas.

## Referências

BARBOSA, L. P. Epistemologias de Nosotras, Feminismos e Teoria da Selva na construção do conhecimento: aportes das mulheres Zapatistas. **Rev. Bras. Educ. Camp.** Tocantinópolis. v. 3. n. 4. p. 1128-1155, set./dez. 2018.

COLLINS, P. H. Epistemologia Feminista Negra. In: Joaze Bernardino-Costa; Nelson Maldonado-Torres; Ramos Grosfoguel (orgs.). Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 139-170.

CURIEL, O. Crítica pós-colonial a partir das práticas políticas do feminismo antirracista. **Revista de Teoria da História.** v. 22, n. 2, p. 231-245, dezembro de 2019.

DANIEL, C. "Morena": A epistemologia feminista negra contra o racismo no trabalho de campo. **Humanidades e inovação.** v. 6, n. 16, p. 23 – 34, 2019.

DARLING, V. I. La episteme zapatista: Otra forma de ver el mundo y hacer política. **Revista brasileira de ciências sociais.** v. 35, n. 104, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HERRERO, Y. Economía feminista y economía ecológica, el diálogo necesario y urgente. **Revista de Economía Crítica,** n. 22, segundo semestre de 2016.

---

<sup>14</sup> Em português, “Um mundo onde muitos mundos se encaixam”.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

PEREIRA, Joselaine Raquel da Silva. A pedagogia das mulheres zapatistas como expressão de sua epistemologia: práticas de insurgência, subversão e resistência. **Revista Ensaio de Geografia.** Niterói, vol. 8, nº 15, pp. 31-46, setembro-dezembro de 2021. Submissão em: 23/07/2021. Aceite em: 15/12/2021.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

HOOKS, B. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

LORDE, A. **A Transformação do silêncio em linguagem e em ação**. Centro de estudos das relações de trabalho e desigualdades, 2019. Disponível em: <<https://ceert.org.br/noticias/historia-cultura-arte/26150/ensaio-inedito-da-pensadora-audre-lorde-a-transformacao-do-silencio-em-linguagem-e-em-acao>>. Acesso em: 17 de jun. de 2021.

LUDMER, J. Literaturas postautónomas 2.0. **Propuesta Educativa**, n. 32, p. 41-45, 2009.

MORETTI, C. Z.; ROSA, G. R. Descautivar o pensamento pedagógico latino-americano: (Des)colonização e (Des)patriarcalização a partir da crítica feminista. **Rev. Bras. Educ. Camp.**, Tocantinópolis, v. 3, n. 4, p. 1105-1127, set./dez. 2018.

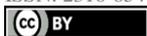
ROSA, G. R.; MORETTI, C. Z. Epistemologias de “nosotras”: mulheres do campo, das águas e das florestas. **Rev. Bras. Educ. Camp.**, Tocantinópolis, v. 3, n. 4, p. i-v, set./dez. 2018.

SILVA MONTES, C. La escuela zapatista: educar para autonomía y la emancipación. **Revista de Educación Alteridad**, v. 14, n. 1, p. 109-121, 2019.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

PEREIRA, Joselaine Raquel da Silva. A pedagogia das mulheres zapatistas como expressão de sua epistemologia: práticas de insurgência, subversão e resistência. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 15, pp. 31-46, setembro-dezembro de 2021. Submissão em: 23/07/2021. Aceite em: 15/12/2021.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons